

[BICHOS-DA-SEDA]*

Jacques Derrida

Tradução de Fernanda Bernardo

«Tudo tinha começado na véspera. Acabava de ler *Saber ver*¹. E antes de fechar os olhos para ceder ao sono, deixei-me invadir, doce, docemente, como se diz, por uma recordação de infância, uma verdadeira recordação de infância, o invés de um sonho, e aí já não bordo:

Antes dos meus treze anos, antes de alguma vez ter usado um tallith e antes mesmo de ter sonhado possuir o meu, cultivei (mas qual a relação?) bichos-da-seda, estas cochonilhas ou larvas de Bombix. Sei hoje que chamam a isso sericicultura (de Seres, os Seres, ao que parece, um povo da Índia oriental com o qual se fazia o comércio da seda). Nos quatro cantos de uma caixa de sapatos, tinham-me portanto iniciado a uma tal coisa, eu albergava e alimentava bichos-da-seda. Cada dia, pois eu teria querido fazer-me deste serviço o oficiante infatigável. Várias vezes por dia, era a mesma liturgia, era preciso oferecer-lhes, a estes pequenos ídolos indiferentes, folhas de amoreira. Semanas a fio, não me afastava do quarto, onde se encontrava a caixa, senão para ir à procura das amoreiras. Estes afastamentos eram a viagem e a aventura: não se sabia mais onde ir procurá-las, e se íamos mesmo ainda encontrar algumas. Os meus bichos-da-seda ficavam ali, comigo, portanto, em minha casa como na casa deles, nas grades da sericicultura, outras tantas palavras de que então

[N.E.]: Este fragmento de Jacques Derrida foi extraído do livro: Hélène Cixous, Jacques Derrida; *Véus... à vela* (Tradução de Fernanda Bernardo. Coimbra: Quarteto, 2001 p. 74-77). Agradecemos à tradutora, Fernanda Bernardo, que se disponibilizou a fazer uma nova versão da tradução deste fragmento para a presente publicação. O título – [Bichos-da-seda] – foi escolhido por nós.

¹ [N.T.]: Referência ao título intraduzível na sua economia poética de Hélène Cixous (*Savoir*), que integra a primeira parte desta obra de Jacques Derrida, *Véus... à vela* (Coimbra: Quarteto, 2001, p. 7-17).

ignorava tudo. Na verdade, era-lhes precisa muita amoreira, demasiada, sempre mais, a estes pequenos vorazes. Vorazes, eram-no eles sobretudo entre as mudas (no momento chamado “frèse”). Mal se via a boca destas cochonilhas brancas ou ligeiramente grisalhas, mas sentíamo-las impacientes para alimentar a sua secreção. Através das suas quatro mudas, as cochonilhas, cada uma para si, não eram elas mesmas, nelas mesmas, para elas mesmas, senão o tempo de uma passagem. Não se animavam senão em vista da transformação da amoreira em seda. Nós dizíamos ora o bicho, ora a cochonilha. Eu observava, é certo, o progresso da tecelagem, mas sem nada ver, em suma. Como o movimento desta produção, como este devir-seda de uma seda que eu nunca teria crido natural, como este processo extraordinário permanecia no fundo invisível, eu estava antes de mais suspenso diante do impossível encarnado nestes pequenos viventes na sua caixa de sapatos. Não era impossível, é certo, distinguir entre uma cabeça e uma cauda, e portanto de, virtualmente, diferenciar entre uma parte e um todo, e de encontrar um sentido à coisa, uma direcção, uma orientação. Mas era impossível discernir um sexo. Havia realmente ali alguma coisa parecida com uma boca castanha, mas não se conseguia reconhecer ali o orifício que era de facto preciso imaginar na origem da sua seda, deste leite tornado fio, deste filamento prolongando o seu corpo e aí se mantendo ainda um certo tempo: a saliva afilada de um esperma muito fino, brilhante, luzente, o milagre de uma ejaculação feminina que se iluminava e que eu bebia com os olhos. Mas sem nada ver, no fundo. As glândulas sericígenas da cochonilha podem ser, acabo de saber, labiais ou salivares, mas também rectais. E depois era impossível distinguir entre vários estados, entre vários movimentos, entre várias afecções de si da mesma minúscula espontaneidade vivente. O deslocamento de si deste pequeno fantasma de pénis, era erecção ou detumescência? Eu observava o progresso invisível da tecelagem, um pouco como se fosse surpreender o segredo de um prodígio, o segredo daquele segredo, a uma distância infinita do animal, desta pequena verga inocente, tão estrangeira mas tão próxima no seu distanciamento incalculável. Não posso dizer que me apropriava da operação, também não direi outra coisa ou o contrário. Aquilo de que me apropriava sem o revirar para mim, aquilo de que me apropriava lá além, lá fora, ao longe, era a operação, a operação através da qual o próprio bicho segregava a sua secreção. Ele segregava-a, à secreção. Segregava. Intransitivamente. Babava-se. Segregava absolutamente, segregava uma coisa que nunca seria um objecto dele, um objecto para ele, um objecto diante do qual ele estaria face-a-face. Ele não se separava da sua obra. O bicho-da-seda produzia fora dele, diante dele, o que nunca o abandonaria, uma coisa que não era outra coisa senão ele, uma coisa que não era uma coisa, uma coisa que lhe pertencia e lhe voltava como própria. Ele projectava para fora o que provinha dele e permanecia no fundo, no fundo dele: fora de si em si e junto a si, em vista de em breve o envolver completamente. A sua obra e o seu ser para a morte. A fórmula viva, minúscula mas ainda divisível do saber absoluto. A natureza e a cultura absolutas. A sericicultura não era de todo do homem, não era de modo algum a coisa do homem que cria os seus bichos-da-seda. Era a cultura do bicho-da-seda como bicho-

da-seda. Secreção do que não era nem um véu, nem uma teia (nada a ver com a aranha), nem um lençol nem uma tenda, nem uma écharpe branca, esta pequena vida silenciosa e finita não fazia outra coisa, lá além, tão perto, debaixo dos meus olhos mas a uma distância infinita, para além disto: preparar-se a si-mesmo para se esconder a si-mesmo, amar a esconder-se, em vista de se produzir para fora e de aí se perder, cuspir aquilo mesmo de que o corpo se apoderava de novo para o habitar nele se embrulhando de noite branca. Em vista de retornar a si, de ter para si o que se é, de se ter e de se ser amadurecendo, mas morrendo também à nascença, de desmaiar no fundo de si, o que vem a ser enterrar-se gloriosamente na sombra no fundo do outro: «Aschenglorie: (...) grub ich mich in dich und in dich²» . O próprio amor. O amor fazia-se fazer amor sob os olhos da criança sonhadora. Porque esta não acreditava no que via, não via o que cria ver, já se contava uma história, esta história, como uma filosofia da natureza para caixa de sapatos (o romantismo na Argélia, em pleno verão — sim, porque me esquecia de dizer que, por essência, nada disto podia ter sido possível, na minha memória em todo o caso, senão no verão, no calor das férias, em El Biar), a saber, que o próprio bicho-da-seda se amortilhava, voltava a si mesmo na sua odisseia, numa espécie de saber absoluto, como se lhe fosse necessário embrulhar-se na sua própria mortalha, a mortalha branca da sua própria pele, para permanecer ao pé de si, o ser que ele tinha sido em vista de se reengendrar a si-mesmo na fiação dos seus fios-filhos ou das suas filhas — para além de toda a diferença sexual ou antes de qualquer dualidade dos sexos, e antes mesmo de todo o acasalamento. No começo houve o bicho que foi e não foi um sexo, a criança via-o bem, um sexo talvez, mas então qual? O seu bestiário começava. Esta filosofia da natureza era para ele, para a criança que eu era mas que continuo ainda, a própria ingenuidade, sem dúvida, mas também o tempo da aprendizagem infinita, a cultura de confecção, a cultura confeccionada segundo a ficção, a autobiografia do logro, Dichtung und Wahrheit, um romance de formação, um romance da sericicultura que

² [N.T.]: Não sem observar a intraduzibilidade da força poética de «Aschenglorie» no idioma de Celan, arriscamos traduzir «Glória de cinzas: [...] enterro-me em ti e em ti», Paul Celan. *Atemwende / Renverse du Souffle* (Edição bilíngüe. Tradução e anotação de Jean Pierre Lefebvre. Paris: Seuil, 2003, p. 78-79). Para salientar a impossibilidade de traduzir a economia poética de «Aschenglorie» — uma palavra que, em si mesma, é *mais de uma* [plus d'une] —, lembramos de passagem aqui as suas diversas versões: André du Bouchet: «Cendres la gloire» [«Cinzas a glória»]; J.-P. Lefebvre: «Gloire de cendres» [«glória de cinzas»]; Joachim Neugroschel: «Ash-Glory» [«cinza-glória»] e o próprio Jacques Derrida traduz por «Gloire pour les cendres» [«Glória para as cinzas»] e por «Gloire / de cendres» [«Glória / de cinzas»] em *Poétique et Politique du Témoignage*. (Paris: Éditions de l'Herne, 2005.)

ele começava a escrever em vista de o endereçar a si mesmo, de nele se erguer ele mesmo numa algazarra de cores e de palavras: a palavra amoreira não estava nunca longe de amadurecer e de morrer nela, o verde da amoreira de que ele esconjurava a cor, como toda a gente na família, toda uma história e toda uma guerra das religiões, cultivava-o ele como uma linguagem, um fonema, uma palavra, um verbo (ele mesmo verde (vert), e verdura (verdure), e verdejar (verdir), e bicho (ver), e verso (vers), e vidro (verre), e verga (verge), e verdade (véricité), veraz (verace) ou verídico (véridique), perverso (pervers) e virtude (vertu), todos os pedaços sussurrantes de palavras em ver em maior número ainda que ele celebrou mais tarde e lembra aqui, uma vez mais, sem véu e sem pudor)³.

(“Virus” pertence na sua imaginação à mesma família – é um bichinho perverso e pernicioso, vicioso, nem vivo nem morto, e que traz a morte ao retardatário na multiplicação de si. É aliás também, em latim, uma baba de caracóis, e para Virgílio ou Plínio o sémen dos animais, para Cícero uma peçonha ou um veneno.) De momento descubro o mais belo, a mais bela, que me procurava desde o começo: véraison. A véraison [maturação⁴] (de vérir, varire, variar, mudar de cor) é o momento de amadurecer, o momento de maturação. Os frutos, sobretudo os da vinha, começam então a tomar a cor que terão na maturidade. A baga recomeça a engrossar, o grão torna-se translúcido nas cepas brancas, vermelho nas cepas tintas.

Ora, muito tempo depois da formação do casulo, um tempo incalculável para a criança, um tempo sem medida comum, quando a mancha húmida aparecia finalmente, quando um sangue desconhecido, vermelho quase negro, vinha lá de dentro para amaciar e perfurar a pele, e depois abrir passagem às asas

³ «La double séance» em *La Dissémination* (Paris: Le Seuil, 1972), nomeadamente em torno de *Crise de vers*, da «crise [...] du versus (v)», («brise d’hiver»), («bise d’hiver»), «averse», «vers», «verre», «envers», «pervers», «travers», etc. (p. 310 ss e *passim*.) De uma tal «versificação» é lembrado que ela «desconstrói» a oposição da metáfora e da metonímia (p. 314, nr. 65).

⁴ [N.T.]: De notar que no idioma de Jacques Derrida «véraison» – «maturação» – se escuta também como «ver-raison»: à letra a razão («raison») do bicho («ver»), a razão *bichoca*, isto é, a razão própria do animal ferido de morte que, como todo o vivente, é o vivente humano. Uma razão pela qual J. Derrida se distancia do *logocentrismo*: demonstrando, por um lado, que este é, em primeiro lugar, uma tese sobre o animal ou a animalidade, o que implica repensar o *zoon logon ekhon* de Aristóteles, a ecoar em toda a ocidentalidade filosófica, repensando o *poder do logos* em termos de passividade absoluta, ou seja, em termos de *poder de sofrer* (cf. J. Derrida, *L’animal que donc je suis*. Paris: Galilée, 1999 e 2006); mostrando, por outro lado, a imbricação existente entre racionalidade e sensibilidade, assim desconstruindo também uma das mais consagradas oposições que redige, pelo menos, a ocidentalidade filosófica.

da borboleta, nesse momento de despertar tanto quanto de nascimento, no instante em que sobrevinha a imprevisível reapropriação, o retorno a si do bicho que abandona o antigo corpo como uma casca esburacada, o que então se passava, o que na verdade, devo dizer-vo-lo, se passou uma vez, uma única vez, a maturação de um abrir e fechar de olhos, o toque de uma campainhadela de telefone, esta vez absolutamente única, como a surpresa que eu devia esperar, porque ela nunca se engana, ela nunca me engana, esta maturação que não teve lugar senão uma vez, mas que requererá todo o tempo dado para se tornar o que foi, nunca dela eu vos farei a narrativa.

Prometi-o.

Um lapso de tempo: não foi senão um intervalo, quase nada, a diminuição infinita de um intervalo musical, mas que nota, que nova, que música. O veredicto. Como se de repente o mal, nada de mal acontecesse mais. Como se nada de mal acontecesse mais para além da morte – ou apenas mais tarde, demasiado tarde, tão mais tarde.»



Este é o Caderno de Leituras n.29.
Outras publicações das Edições
Chão da Feira estão disponíveis
em: www.chaodafeira.com